Kauṣītaki (Brāhmaṇa) Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 25.[1] Sāmānya Vedānta ou Mukhya[2])

‘Kauṣītaki ('Descendente de Kuṣītaka') é o patronímico de um professor, ou uma série de professores, a quem as doutrinas estabelecidas no Kauṣītaki Brāhmaṇa, no Śāṅkhāyana Āraṇyaka e nos Śrauta e Gṛhya Sūtras são atribuídas’. – *Índice Vêdico de Nomes e Assuntos*.

‘Embora seja chamada de Kauṣītaki Brāhmaṇa Upaniṣad, ela não faz parte do Kauṣītaki-Brāhmaṇa de 30 adhyāyas que possuímos, e devemos, portanto, explicar o seu nome por admitirmos que o Āraṇyaka, do qual ela fazia parte, poderia ser considerado como parte da literatura Brāhmaṇa do Ṛgveda, e que, portanto, a Upaniṣad pode ser chamada de Upaniṣad do Brāhmaṇa dos Kauṣītakins’. – Max Müller.

Essa tradução em português provém da de Max Müller, publicada nos Livros Sagrados do Oriente (SBE), Vol. 1, (1879). A Introdução abaixo é do comentador Śaṃkarānanda (que foi o guru de Sāyaṇa, o grande comentador dos Vedas), apresentada por Paul Deussen na obra ‘Sessenta Upaniṣads do Veda’ (*Sixty Upanishads from the Veda),* traduzida do alemão para o inglês por V. M. Bedekar e G. B. Palsule.

Os títulos e subtítulos vêm da tradução de Robert Ernest Hume, que traduziu ‘As Treze Upaniṣads Principais’, (*The Thirteen Principal Upanishads*), isto é, as Daśopaniṣads (as dez Upaniṣads comentadas por Ādi Śaṅkara) mais as três também consideradas como principais por outros estudiosos. A Invocação vem da tradução de A. G. Krishna Warrier, publicada por The Theosophical Publishing House, Chennai.

A abundância de notas se faz necessária devido às diferentes traduções e interpretações e às informações adicionais relevantes fornecidas pelos diversos tradutores. Todas as notas que foram incluídas por mim estão entre colchetes.

Eleonora Meier.
Dezembro de 2016.

---

[1] Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.

[2] Alguns estudiosos acrescentam esta Upaniṣad à lista das principais. As Upaniṣads são classificadas em Mukhya, principais; Sāmānya ou Sāmānya Vedānta, sobre ensinamentos de interesse geral (*sāmānya*); Saṃnyāsa, sobre regras e diferentes aspectos do Saṃnyāsa ou Renúncia; Śākta, sobre Śakti ou Devī (a Deusa); Vaiṣṇava, sobre Viṣṇu; Śaiva, sobre Śiva, e Yoga, sobre diferentes aspectos do Yoga.

Conteúdo:

Introdução

A Kauṣītaki-brāhmaṇa Upaniṣad, composta de quatro adhyāyas, começa com as palavras *citro ha vai gāṅgyāyaniḥ* e termina com *ya evam veda*. Ela contém:

No primeiro adhyāya, a Paryaṅka-vidyā (o conhecimento do leito ou sofá de descanso), assim chamada porque nela a alma que chega ao mundo do além aparece diante do leito de Brahman para ser testada e examinada por ele, junto com o destino do Caminho do Sul (do Pitṛyāṇa que leva de volta à terra) e do Caminho do Norte (do Devayāna que leva a Brahman);

No segundo adhyāya, a Prāṇa-vidyā (a doutrina do Prāṇa, vida, como um símbolo do Ātman) e, para aquele que a conhece, certas obras úteis referentes a outros e ao seu próprio Eu e à obtenção de certos resultados;

No terceiro e quarto adhyāyas, a Ātma-vidyā (a doutrina do Ātman).

Embora a seção *pratardano ha* etc. (isto é, a doutrina esotérica nos adhyāyas 3 e 4) deva ser estudada em preferência ao resto, pode também acontecer que mesmo uma mente pura, enquanto ainda não conhece a natureza de Brahman, no início possa sentir temor na presença do Brahman sem atributos embora ele não deva ser temido, assim como um filho virtuoso quando vê o seu pai pela primeira vez – o pai que era um estranho para ele antes de seu nascimento. É por isso que o texto (no primeiro adhyāya) descreve, para remover o pavor, o Brahman de atributos sentado em um trono como um rei sobre essa terra, como o alvo final do Caminho do Norte. Aqui é dito: ‘Então ele chega ao leito de repouso Amitaujas, que é o Prāṇa’. Assim Prāṇa é descrito como um leito de repouso no primeiro adhyāya. Em relação ao Prāṇa, surge a questão diante do ouvinte se este Prāṇa é o mero ar vital ou não, se ele se regozija ou não nas múltiplas perfeições do poder. Para resolver essa questão a consideração reverente do Prāṇa é empreendida no segundo adhyāya. Assim o texto, de uma maneira excelente, prepara o caminho para ensinar depois (nos adhyāyas 3 e 4) a Brahmavidyā. Mas se o ensinamento de Brahman com atributos foi ele próprio recebido, com toda humildade, da boca do professor, por homens tão notáveis quanto Gautama e Śvetaketu, hoje aqueles que são chamados a aprender devem também com toda humildade receber o Brahman de atributos bem como o Brahman sem atributos. Essa narrativa serve para ensinar essa doutrina.

Śaṃkarānanda.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Primeiro Adhyāya[1]

Renascimento e libertação através do conhecimento

Citra e Śvetaketu sobre o caminho para o fim da reencarnação

1.1. Citra Gāṅgyāyani[2], em verdade, desejando realizar um sacrifício, escolheu Āruṇi (Uddālaka[3], para ser seu principal sacerdote). Mas Āruṇi enviou seu filho, Śvetaketu, e disse: 'Realize o sacrifício para ele'. Quando Śvetaketu[4] tinha chegado Citra perguntou-lhe: 'Filho de Gautama[5], há um lugar oculto no mundo onde você é capaz de me colocar, ou há outro caminho, e você vai me colocar no mundo ao qual ele (esse outro caminho) leva[6]?'

---

[1] ['Para as fases de desenvolvimento da crença na transmigração da alma que aparecem aqui, compare com as observações preparatórias na *Chāndogya Up*. 5.3-10'. – Deussen].

[2] É difícil determinar se o nome de Citra era Gāṅgyāyani ou Gārgyāyaṇi. O professor Weber adotou primeiro Gārgyāyaṇi (*Indische Studien* I, p. 395), depois Gāṅgyāyani (*ibid*., II, 395). O professor Cowell adota Gāṅgyāyani, mas ele nos diz que o manuscrito em telugu lê Gārgyāyaṇi do início ao fim, e os outros manuscritos fazem isso ocasionalmente. O comentador explica Gāṅgyāyani como o descendente de Gāṅgya. Eu confesso uma preferência por Gārgyāyaṇi, porque tanto Gaṅgā quanto Gāṅgya são nomes de ocorrência rara na literatura vêdica antiga, mas admito que, por essa mesma razão, a transição de Gāṅgyāyani para Gārgyāyaṇi é talvez mais inteligível do que a de Gārgyāyaṇi para Gāṅgyāyani.

[3] Compare com *Chāndogya Up*. 5.11.2; *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.2.1.

[4] *Chāndogya Up*. 5.3; 6.1.

[5] *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.2.4.

[6] ['Existe uma conclusão (da transmigração) no mundo em que você me colocará? Ou há alguma estrada? Você me colocará em seu mundo?' – R. E. Hume].

['Há um fim (da transmigração da alma) no mundo, o qual você será capaz de transmitir a mim? Ou há, de outro modo, um caminho que leva a ele e que você transmitirá a mim?' – Deussen].

['(A transmigração) está terminada no mundo em que você me colocará, ou há alguma morada no mundo onde você me colocará?' – Warrier].

A pergunta feita por Citra a Śvetaketu é muito obscura, e foi provavelmente desde o início destinada a ser obscura em sua própria redação. O que Citra queria perguntar nós podemos extrair de outras passagens nas Upaniṣads, onde vemos outro sábio real, Pravāhaṇa Gaivali (*Chāndogya Up.* 5.3; *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 6.2), que esclarece Śvetaketu sobre a vida futura. Essa vida futura é alcançada por duas estradas: uma, o Devapatha, que leva ao mundo de Brahman (o condicionado), além do qual existe apenas uma outra etapa, representada pelo conhecimento e identidade com o Brahman incondicionado; a outra levando ao mundo dos antepassados, e de lá, depois que a recompensa das boas obras foi consumida, de volta a uma nova ronda de existência mundana. Há uma terceira estrada para as criaturas que vivem e morrem, vermes, insetos e répteis, mas são de pouca importância. Agora é bem claro que o conhecimento que o rei Citra possui e que Śvetaketu não possui é esse das duas estradas depois da morte, às vezes chamadas de direita e esquerda, ou as estradas do sul e do norte. Essas estradas são totalmente descritas na *Chāndogya Upaniṣad* e na *Bṛhad-āraṇyaka Upaniṣad*, com certas variações, mas no todo no mesmo sentido. A estrada do norte ou esquerda, chamada também de caminho dos Devas, passa da luz e do dia para a metade brilhante da lua; o caminho do sul ou direito, chamado também de caminho dos pais, passa da fumaça e noite para a metade escura da lua. Ambas as estradas, portanto, se encontram na lua, mas divergem depois. Enquanto a estrada do norte passa pelos seis meses quando o sol se move para o norte, através do sol, (lua) e do relâmpago para o mundo de Brahman, o do sul passa pelos seis meses quando o sol se move para o sul, para o mundo dos pais, o éter e a lua. A grande diferença, no entanto, entre as duas estradas é que, enquanto aqueles que viajam no primeiro não voltam para uma nova vida na terra, mas chegam no final ao verdadeiro conhecimento do Brahman incondicionado, aqueles que passam para o mundo dos pais e da lua retornam à terra para nascer de novo e de novo.

A questão, portanto, que Citra dirige a Śvetaketu pode se referir a essas duas estradas apenas, e embora o texto esteja muito corrompido, e era tão evidentemente regular na época em que o comentário foi escrito, nós devemos tentar restaurá-lo de acordo com o ensino comunicado por Citra no que se segue. Eu proponho ler: 'Existe um lugar oculto no mundo onde você (através de seu sacrifício e ensino) é capaz de me colocar, ou há outro caminho, e você me colocará no mundo ao qual ele leva?' Mesmo assim, o texto não é satisfatório em absoluto, mas é melhor do que aquele adotado pelo comentador e explicado por ele: Existe um lugar escondido naquele mundo no qual você me colocará como outro, isto é, como diferente do mundo

Ele respondeu e disse: 'Eu não sei. Mas, deixe-me perguntar ao mestre'. Tendo se aproximado de seu pai, ele perguntou: 'Assim Citra me perguntou; como devo responder?'

Āruṇi disse: 'Eu também não sei. Só depois de termos aprendido a parte adequada do Veda[7] na própria residência de Citra vamos obter o que os outros nos dão (conhecimento). Venha, vamos nós dois'.

Dito isso, ele pegou combustível na mão (como um aluno), e se aproximou de Citra Gāṅgyāyani dizendo: 'Eu posso me aproximar de você?' Ele respondeu: 'Você é digno de Brahman[8], ó Gautama, porque não foi levado pelo orgulho. Vem, eu lhe farei saber claramente'.

O Teste da Lua, de lá ou volta à terra ou vai em frente

1.2. E Citra disse: Todos os que partem deste mundo (ou deste corpo) vão para a lua[9]. Na primeira, a metade (clara), a lua se deleita em seus espíritos [prāṇa]; na outra, a metade (escura), a lua os envia para nascerem de novo. Em verdade, a lua é a porta do mundo Svarga (o mundo celeste). Agora, se um homem objeta a lua (se não está satisfeito com a vida lá) a lua o liberta[10]. Mas se um homem não se opõe, então a lua o envia para baixo como a chuva sobre essa terra. E de acordo com as suas obras [karmam] e segundo o seu conhecimento ele nasce de novo aqui como um verme, ou como um inseto, ou como um peixe, ou como uma ave, ou como um leão, ou como um javali, ou como uma serpente, ou como um tigre, ou como um homem, ou como outra coisa em diferentes lugares[11]. Quando ele assim retornou à terra, alguém (um sábio) pergunta[12]: 'Quem és tu?' E ele deve responder: 'Da lua sábia, que ordena as estações[13], quando nasce constituída por quinze partes, da lua, que é o lar dos nossos antepassados, a

---

inteiro ou idêntico ao mundo inteiro, e, se como diferente, então tendo me atado e me tornado uma pessoa diferente? O comentador resume a questão como referindo-se a um lugar escondido ou não escondido, onde Citra deve ser colocado como outra pessoa ou não outra pessoa, como vinculado ou não vinculado; ou, como interpreta o professor Cowell: 'Ó filho de Gautama, há algum lugar secreto no mundo onde tu podes me colocar desconectado, tendo-me fixado lá (como madeira unida com cola); ou há algum outro lugar onde você possa me colocar?' As especulações sobre o destino da alma após a morte parecem ter sido peculiares às famílias reais da Índia, enquanto os brâmanes davam mais ênfase no que pode ser chamado de atalho mais curto, um conhecimento de Brahman como o verdadeiro Eu. Saber, para eles, era ser, e, depois da dissolução do corpo eles esperavam a emancipação imediata, sem mais perambulações.

[7] [*Svādhyāya* é a palavra no texto].

[8] Digno de conhecer Brahman, ou, como o comentador, que lê *brahmārgha*, pensa, ser honrado como Brahman. ['Digno do conhecimento sagrado'. – Warrier. 'O líder dos sacerdotes'. – Deussen].

[9] Ambas as estradas conduzem à lua, e divergem depois.

[10] ['Quem responde (corretamente) ele liberta (para ir mais longe)'. – Warrier].

['Quem responde ele deixa ir mais além. Mas quem não responde, ele, tendo se tornado chuva, derrama aqui'. – R. E. Hume].

['Como Brahman faz depois, a lua examina aqui as almas ascendentes em relação ao seu conhecimento. Aquele que resiste ao teste vai para o Devayāna, e aquele que não passa no teste vai para o Pitṛyāna. O meu entendimento dessa passagem aqui e das passagens correspondentes difere daquele do comentador e daquele dos outros tradutores (Anquetil, Weber, Müller, Cowell). Eu espero que os leitores concordem comigo'. – Deussen].

Esse é suposto ser o lugar oculto, ou melhor, o caminho para ele, quando o falecido deixa a lua, e passa para o relâmpago e para o mundo de Brahman. Este é de fato o Devayāna, como contrário ao Pitṛyāna, descritos na *Chāndogya Upaniṣad*.

[11] Isso pode até incluir *naraka* ou inferno.

[12] ['Quando ele chega lá ele [a lua] pergunta a ele:'. – R. E. Hume].

[13] Se *ṛtavaḥ* for aqui o genitivo de *ṛtu*, seu significado seria o ordenador das estações. *Vicakṣaṇa* é aplicado à lua novamente, 2.9, e o trono de Brahman também é chamado de *vicakṣaṇa*, 1.3.

semente foi trazida. Essa semente, eu mesmo, eles (os deuses mencionados na *Pañcāgnividyā*[14]) reuniram em um homem ativo, e através de um homem ativo eles me levaram a uma mãe. Então eu, crescendo até nascer, um ser vivo por meses, seja doze ou treze, fiquei junto ao meu pai, que também vivia por (anos de) doze ou treze meses, para que pudesse ou conhecê-lo (o verdadeiro Brahman) ou não o conhecer. Portanto, ó estações, permitam que eu possa alcançar a imortalidade (conhecimento de Brahman). Por essa minha fala verdadeira, por esse meu trabalho (começando com a residência na lua e terminando com o meu nascimento na terra) eu sou (como) uma estação, e o filho das estações'. 'Quem és tu?' o sábio pergunta novamente. 'Eu sou tu', ele responde. Então ele o liberta[15] (para seguir adiante).

A Rota para o mundo de Brahman

1.3. Ele (na hora da morte), tendo chegado ao caminho dos deuses, vai ao mundo de Agni (fogo), ao mundo de Vāyu (ar), ao mundo de Varuṇa, ao mundo de Indra, ao mundo de Prajāpati (Virāj), ao mundo de Brahman (Hiraṇyagarbha). Nesse mundo há o lago Āra[16], os momentos chamados Yeṣṭiha[17], o rio Vijarā (perene), a árvore Ilya[18], a cidade Sālajya[19], o palácio Aparājita (inconquistável), os porteiros Indra e Prajāpati, o salão de Brahman, chamado Vibhu [Extenso] (construído por vibhu, egoísmo), o trono Vicakṣaṇa [muito brilhante] (buddhi, percepção), o sofá-cama Amitaujas (de esplendor incomensurável), e a amada Mānasī (mente) e sua imagem Cakṣuṣi (visão), que, como se pegando flores, estão tecendo os mundos, e as Apsaras [ninfas], as Ambās [Mães] (śruti, escrituras sagradas), e Ambāyavīs [Amas] (buddhi, compreensão), e os rios Ambayās [pequenas mães] (que levam ao conhecimento de Brahman). Desse mundo aquele que conhece isso (que conhece a Paryaṅka-vidyā) se aproxima. Brahmā lhe diz: 'Corram em direção a ele (servos), com adoração como é devida a mim mesmo. Ele chegou ao rio Vijarā (eterno), ele nunca envelhecerá'.

O progresso triunfal do conhecedor através do mundo de Brahman

1.4. Em seguida, quinhentas Apsaras vão em direção a ele, cem com grinaldas nas mãos, cem com unguentos nas mãos, cem com perfumes nas mãos, cem com trajes nas mãos, cem com frutas nas mãos. Eles o enfeitam com um adorno digno de Brahman e, quando assim adornado com o adorno de Brahman, o conhecedor de Brahman se move em direção a Brahman[20]. Ele chega ao lago Āra, e ele o cruza pela mente, ao passo que aqueles que chegam a ele sem saber a verdade são afogados[21]. Ele chega aos momentos chamados Yeṣṭiha, eles fogem dele.

---

[14] *Chāndogya Up*. 5.4-8.

[15] Se uma pessoa teme o céu (svarga), tanto quanto o inferno, porque ele não dá a libertação final, então ela está apta a proceder ao conhecimento de Brahman.

[16] Composto pelos *aris*, inimigos, tais como amor, raiva, etc. Na *Chāndogya Up*. 8.5.3 ele é chamado Ara.

[17] Que matam o sacrifício, [passados dedicados à subjugação dos desejos], que consistem em um desejo por Brahman.

[18] A mesma que a *aśvatthaḥ somasavanaḥ* na *Chāndogya Up*. 8.5.3.

[19] ['A cidade é assim chamada porque na margem há cordas de arco tão grandes quanto uma árvore sāl, um lugar abundante com água em muitas formas de rios, lagos, poços, tanques, etc. e jardins habitados por muitos heróis'. – Sarvepalli Radhakrishnan].

[20] Embora *brahman* seja usado aqui como um neutro, ele se refere ao Brahman condicionado.

[21] ['Aqueles que conhecem (apenas) o (presente) imediato afundam'. – Warrier].

Ele chega ao rio Vijarā, e o atravessa só pela mente, e lá se livra de suas ações boas e más. Seus parentes amados obtêm o bem, seus parentes não amados o mal que ele fez. E como um homem, conduzindo um carro, pode olhar para as duas rodas (sem ser tocado por elas), assim ele olhará para dia e noite, assim para boas e más ações e para todos os pares (para todas as coisas correlativas, como luz e escuridão, calor e frio, etc.)[22]. Ficando livre do bem e livre do mal ele, o conhecedor de Brahman (neutro[17]), se move em direção a Brahman.

Aproximando-se do próprio trono de Brahman

1.5. Ele se aproxima da árvore Ilya, e o odor de Brahman o atinge. Ele se aproxima da cidade Sālajya, e o sabor de Brahman o atinge. Ele se aproxima do palácio Aparājita, e o esplendor de Brahman o atinge. Ele se aproxima dos porteiros Indra e Prajāpati, e eles fogem dele. Ele se aproxima do salão Vibhu, e a glória de Brahman o alcança (ele pensa, eu sou Brahman). Ele se aproxima do trono Vicakṣaṇa[23]. Os versos Sāman, Bṛhad e Rathantara, são os pés orientais [dianteiros] desse trono; os versos Sāman, Śyaita e Naudhasa, seus pés ocidentais [traseiros]; os versos Sāman, Vairūpa e Vairāja, seus lados longitudinais (sul e norte); os versos Sāman, Śākvara e Raivata, seus lados transversais (leste e oeste). Esse trono é Prajñā, conhecimento, e pelo conhecimento (autoconhecimento) ele vê claramente.

Ele se aproxima do sofá-cama Amitaujas. Esse é o Prāṇa (a fala, [a vida]). O passado e o futuro são seus pés orientais; a prosperidade e a terra seus pés ocidentais; os versos Sāman, Bṛhad e Rathantara, são seus dois lados longitudinais (sul e norte); os versos Sāman, Bhadra e Yajñāyajñīya, são seus lados transversais na cabeça e pés (leste e oeste); o Ṛc e o Sāman são os longos lençóis[24] (leste e oeste); o Yajus os lençóis transversais (sul e norte); o raio da lua[25] a almofada; o Udgītha a coberta (branca); a prosperidade o travesseiro. Nesse sofá-cama senta-se Brahman, e quem sabe isso (quem se conhece como uno com Brahman sentado no sofá) sobe nele primeiro com um pé somente. Então Brahman lhe diz: 'Quem és tu?' e ele deve responder:

Identidade essencial com o Real infinito

1.6. 'Eu sou (como) uma estação, e o filho das estações, surgido do ventre do espaço infinito, da luz (do luminoso Brahman). A luz, a origem do ano, que é o passado, que é o presente, que é todas as coisas vivas, e todos os elementos, é o Eu[26]. Tu és o Eu. O que tu és, isso sou eu.

---

[22] [‘Assim como alguém, andando em uma carruagem veloz, olha para as rodas da carruagem (cujos raios se tornam indistintos para ele), do mesmo modo ele olha para o dia e a noite, como também para as boas e más obras e para os pares de opostos’. – Deussen].

[23] [‘As descrições combinadas do trono e do sofá-cama são muito semelhantes à descrição do assento de Vrātya no *Atharva Veda* 15.3.3-9, e também do trono de Indra, *Aitareya Brāhmaṇa* 8.12’. – R. E. Hume].

[24] [‘As cordas esticadas longitudinalmente’. – Id.].
[Rendas, decorações, segundo Deussen].
Lençóis ou coberturas parecem mais aplicáveis aqui do que meros fios que formam a trama e a urdidura.

[25] [‘As fibras de Soma’. – Deussen].

[26] Esta passagem está corrompida, e as várias leituras e várias interpretações dos comentadores não nos ajudam muito. Uma concepção, que tenho seguido, na medida do possível, é que tinha que ser explicado como o mesmo ser poderia ser o filho das estações, ou viver de ano em ano e, ao mesmo tempo, nascer

Brahman diz-lhe: 'Quem sou eu?' Ele deve responder: 'Aquilo que é, o real' (Sat-tyam).

Brahmā pergunta: 'O que é o real?' Ele diz-lhe: 'O que é diferente dos deuses e dos sentidos (prāṇa), que é Sat, mas os deuses e os sentidos são Tyam. Portanto, por esse nome Satya (real) é chamado tudo isso, o que quer que exista. Tudo isso és tu'.

A apreensão do mesmo através da Palavra Sagrada e todas as funções de uma pessoa; a posse universal do conhecedor

1.7. Isso também é declarado em um verso[27]: 'Este grande Ṛṣi, cujo abdome é o Yajus, a cabeça o Sāman, a forma o Ṛc, deve ser conhecido como imperecível, como Brahman'[28].

Brahman diz-lhe: 'Como tu obténs os meus nomes masculinos?' Ele deve responder: 'Pelo ar vital (prāṇaḥ)'.

Brahman pergunta: 'Como os meus nomes femininos?' Ele deve responder: 'Pela fala (vāc)'.

Brahman pergunta: 'Como os meus nomes neutros?' Ele deve responder: 'Pela mente (manas)'.

'Como os odores?' 'Pelo nariz'. 'Como as formas?' 'Pelos olhos'. 'Como os sons?' 'Pelos ouvidos'. 'Como sabores de comida?' 'Pela língua'. 'Como ações?' 'Pelas mãos'. 'Como prazeres e dores?' 'Pelo corpo'. 'Como alegria, prazer e prole?' 'Pelo órgão de geração'. 'Como jornadas?' 'Pelos pés'. 'Como pensamentos, e o que deve ser conhecido e desejado?' 'Pelo conhecimento [inteligência] (Prajñā) somente'.

Brahmā diz-lhe: 'Água de fato é esse meu mundo[29], todo o mundo de Brahman, e ele é teu'.

Qualquer vitória, qualquer poder que pertença a Brahman, essa vitória e esse poder ele obtém, aquele que sabe isso, sim, que sabe isso[30].

---

da luz. A resposta é: Porque a luz é a semente ou a causa do ano, e o ano a causa de tudo o mais. Eu não me responsabilizo por esse ponto de vista, e não vejo maneira de descobrir a leitura original e o significado original dessas frases.

[27] [Um verso *Ṛg* segundo alguns tradutores].

[28] ['Yajus, Sāman e Ṛc são a essência de Brahman (da prece na forma do Veda). O Ṛṣi que tem todo o seu ser em Yajus, Sāman e Ṛc se torna Brahman – Brahman é o Universo, com o qual o Brahman, aparecendo em um indivíduo através dos diferentes órgãos do mesmo, está conectado. Esse é o sentido da interrogação seguinte'. – Deussen].

[29] Ele surgiu da água e dos outros elementos. ['O comentário explica *āpas* como significando 'os elementos primários'. – R. E. Hume].

[30] Que conhece a forma condicionada e mitológica de Brahman como aqui descrita, sentado no sofá.

Segundo Adhyāya[1]

A doutrina do Prāṇa, juntamente com certas cerimônias

Identidade com Brahman; seu valor em serviço e segurança para si mesmo

2.1. Prāṇa (ar vital, respiração)[2] é Brahman, assim diz Kauṣītaki. De Prāṇa, que é Brahman, a mente (manas) é o mensageiro, a fala a governanta, a visão o guarda, a audição o informante.

Aquele que conhece a mente como o mensageiro do prāṇa, que é Brahman, torna-se possuidor do mensageiro. Aquele que conhece a fala como a governanta, torna-se possuidor da governanta. Aquele que conhece a visão como o guarda, torna-se possuidor do guarda. Aquele que conhece a audição como o informante, torna-se possuidor do informante.

Agora, para esse prāṇa, que é Brahman, todas essas divindades (mente, fala, visão, audição) trazem uma oferenda, embora ele não peça por ela, e, desse modo, para aquele que sabe isso todas as criaturas trazem uma oferenda, embora ele não peça. Para aquele que sabe isso, há esta Upaniṣad (voto ou lema secreto), 'Não peça!' Como um homem que mendigou de um lado a outro em uma aldeia e não conseguiu nada se senta e diz: 'Eu nunca comerei nada dado por essas pessoas', e como então aqueles que anteriormente recusaram o pressionam (para aceitar as suas esmolas), assim é a regra para aquele que não pede[3], mas os caridosos vão pressioná-lo e dizer: 'Vamos dar a ti'.

2.2. Prāṇa (ar vital) é Brahman, assim diz Paiṅgya. E nesse Prāṇa, que é Brahman, a visão fica firme atrás da fala, a audição fica firme atrás da visão, a mente fica firme atrás da audição, e o espírito fica firme atrás da mente[4]. Para esse Prāṇa, que é Brahman, todas essas divindades trazem uma oferenda, embora ele não peça por ela. Para aquele que sabe isso, há esta Upaniṣad (voto secreto), 'Não peça!' Como um homem que mendigou de um lado a outro em uma aldeia e não conseguiu nada se senta[5] e diz: 'Eu nunca comerei nada dado por essas pessoas', e como então aqueles que anteriormente recusaram o pressionam (para aceitar as suas esmolas), assim é a regra para ele que não pede, mas os caridosos vão pressioná-lo e dizer: 'Vamos dar a ti'.

---

[1] ['O Prāṇa (a vida) como Brahman segundo o ensinamento da Kauṣītaki. Aquele que conhece a sua vida como idêntica ao Brahman todo-correspondente, a esse grau ele é Brahman. Todas as criaturas servem a ele (assim como os órgãos vivos servem à vida), sem que ele seja obrigado a orar'. – Deussen].

[2] No primeiro capítulo foi dito, 'Ele se aproxima do sofá Amitaujas, que é prāṇa, respiração, espírito, vida'. Portanto, tendo explicado no primeiro adhyāya o conhecimento do sofá (de Brahman), o próximo assunto a ser explicado é o conhecimento de prāṇa, o espírito vivo, tomado por um tempo como Brahman, ou a última causa de tudo.

[3] ['Essa é a virtude (dharma) do não mendigo'. – R. E. Hume. 'O homem antes e depois da obtenção do conhecimento corresponde ao mendicante que, a princípio, não pode obter através da mendicância o que, depois que ele se resignou à sua condição, cai como a sua parte, não procurado'. – Deussen].

[4] O comentador diz que a fala é incerta, e tem que ser verificada pela visão. A visão é incerta, tomando a madrepérola por prata, e deve ser verificada pela audição. A audição é incerta e deve ser verificada pela mente, pois, a menos que a mente esteja atenta, o ouvido não ouve. A mente, por fim, depende do espírito, pois sem espírito não há mente.

[5] ['Ou, 'jejua (na aldeia)'. Para a prática do 'suicídio pela fome' veja o artigo do Prof. Hopkins em *Journal of the American Oriental Society*, 21. 146-159, especialmente a página 159, onde esta mesma passagem é discutida'. – R. E. Hume].

2.3. Segue-se agora a obtenção do maior tesouro[6] (isto é, prāṇa, espírito[7]). Se um homem medita sobre esse maior tesouro, que ele em uma lua cheia ou lua nova, ou na quinzena clara, sob uma Nakṣatra [constelação] auspiciosa, em um desses momentos adequados, dobrando o joelho direito, ofereça oblações de ghee [manteiga clarificada] com uma concha (sruva), depois de ter colocado o fogo, varrido o chão[8], espalhado a grama sagrada, e aspergido água. Que ele diga: 'A deusa chamada Fala é a obtentora, que ela obtenha isso para mim daquele (que possui e pode dar o que eu desejo). Svāhā[9] a ela!'

'O deus chamado Prāṇa (ar vital) é o obtentor, que ele obtenha isso para mim dele. Svāhā a ele!'

'A deusa chamada visão é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

'A deusa chamada audição é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

'A deusa chamada mente (manas) é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela'.

'A deusa chamada Prajñā (conhecimento[10]) é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

Em seguida, tendo inalado o cheiro da fumaça, e tendo esfregado seus membros com o unguento de ghee, caminhando[11] em silêncio, que ele declare o seu desejo, ou que ele envie um mensageiro. Ele seguramente obterá o que deseja.

Para ganhar o afeto de outro

2.4. Agora segue o Daiva Smara, o desejo a ser realizado pelos deuses[12]. Se um homem deseja tornar-se amado[13] por algum homem ou mulher, ou por alguns homens ou mulheres, então em um dos momentos adequados (supracitados), ele oferece, exatamente da mesma maneira (que antes), oblações de ghee, dizendo: 'Eu ofereço a tua fala em mim, eu, (este aqui[14]), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua respiração em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua visão em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua audição em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua mente em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua Prajñā (inteligência) em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. Em seguida, tendo inalado o cheiro da fumaça, e tendo esfregado seus membros com o unguento de ghee, caminhando em silêncio, que ele tente entrar em contato ou que ele

---

[6] ['A obtenção de um prêmio específico'. – R. E. Hume].
[7] Os princípios vitais são chamados de o maior tesouro, porque um homem entrega tudo para preservar seus princípios vitais ou sua vida.
[8] *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.3.1.
[9] ['Saudações'! Ou 'Reverências'!]
[10] [Sabedoria, inteligência].
[11] ['Do lugar das oblações para casa do possuidor do objeto. Comentário'. – R. E. Hume].
[12] ['A ser realizado com os poderes divinos'. – Warrier, 'Ou seja, Fala, Respiração, Visão, Audição, Mente e Inteligência enumerados na seção anterior. – R. E. Hume].
[13] Tão precioso quando prāṇa ou vida.
[14] O comentador explica essas expressões misteriosas: 'Eu ofereço, eu lanço, no fogo, que é aceso pelo combustível de sua indiferença ou aversão, em mim, sendo o objeto de seu amor, a fala, o órgão da fala, de você, que vai me amar. Que este aqui, isto é, eu, ou meu amor, possa prosperar. Svāhā, que a minha fala possa conceder aprovação para a oblação de mim, o amante'.

fique falando ao vento, (de modo que o vento possa carregar suas palavras à pessoa por quem ele deseja ser amado). Certamente ele torna-se querido, e eles pensam dele.

O sacrifício perpétuo do eu

2.5. Agora segue a contenção (saṃyamana) [saṃyama, autocontrole] instituído por Pratardana (filho de Divodāsa); eles o chamam de Agni-hotra interno[15]. Enquanto um homem fala, ele não pode respirar, ele oferece durante todo o tempo o seu prāṇa (fôlego) em seu discurso. E enquanto um homem respira, ele não pode falar, ele oferece durante todo o tempo a sua fala em sua respiração. Essas duas oblações infinitas e imortais ele oferece sempre, seja acordado ou dormindo. Todas as outras oblações que existem (aquelas, por exemplo, do Agnihotra comum, compostas por leite e outras coisas), elas têm um fim, pois consistem de obras (que, como todas as obras, têm um fim). Os antigos, conhecendo esse, (o melhor Agnihotra), não ofereciam o Agnihotra (comum).

A Glorificação do Uktha

2.6. Uktha[16] é Brahman, assim diz Śuṣkabhṛṅgāra. Que ele medite sobre ele (o uktha) como o mesmo que o Ṛc [Ṛg, Hino de Louvor], e todos os seres o louvarão como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o Yajus[17], e todos os seres se unirão diante dele como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o Sāman [Canto], e todos os seres se curvarão diante dele como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o poder [ou a beleza], que ele medite nele como o mesmo que a glória, que ele medite sobre ele como o mesmo que o esplendor. Pois, assim como o arco é entre as armas a mais poderosa, a mais gloriosa, a mais esplêndida[18], assim aquele que conhece isso é entre todos os seres o mais poderoso [ou o mais belo], o mais glorioso, o mais esplêndido.

O Adhvaryu concebe o fogo do altar, que é usado para o sacrifício, como ele mesmo[19]. Nele, ele (o Adhvaryu) tece a parte Yajus do sacrifício. E na parte Yajus o Hotṛ tece a parte Ṛc do sacrifício. E na parte Ṛc o Udgātṛ tece a parte Sāman do sacrifício. Ele (o Adhvaryu ou prāṇa) é a alma do conhecimento triplo; ele de fato é a alma dele (do prāṇa). Aquele que conhece isso é a alma dele (se torna prāṇa[20]).

---

[15] [‘Interno, porque é independente de auxílios externos’. – Radhakrishnan].

[16] Uktha [louvor, recitação], um hino vêdico, foi identificado com prāṇa, respiração, na Kāṇva e outras Sākhās (*Bṛhad-āraṇyaka Up*. 5.13.1, *Aitareya, Āraṇyaka*, 2.1.2). Aqui uktha, isto é, o prāṇa do uktha, é mais adiante identificado com Brahman. Como uktha (o hino) é prāṇa, e como o sacrifício é realizado com hinos, o sacrifício também é uktha, e, portanto, prāṇa e, portanto, Brahman. Comentário.

[17] [‘Fórmula sacrifical’. – Radhakrishnan].

[18] [‘Como este (isto é, o Uktha) é o mais belo, o mais glorioso, o mais brilhante entre os Śāstras (Invocações de Louvor)’. – R. E. Hume].

[19] [‘Assim o Adhvaryu consagra o seu eu de tal modo que ele se torna capaz de realizar ritos sacrificais, e rituais’. – Deussen].

[‘Assim, o sacerdote Adhvaryu prepara essa alma (Ātman) que está relacionada com o sacrifício’. – R. E. Hume].

[20] [‘Assim quem sabe isso se torna a alma de Indra’. – Radhakrishnan, Deussen; compare com o *Aitareya Āraṇyaka* 2.3.7.1].

O comentador explica isso de um modo um pouco diferente. Ele considera que é o objetivo do último parágrafo mostrar que a Prāṇa-vidyā pode finalmente produzir libertação final, e não apenas recompensas temporais. O sacerdote Adhvaryu, diz ele, toma o que se chama uktha e foi identificado com os hinos Ṛc, Yajus e Sāman, todos contidos na boca, como sendo exteriormente o fogo sacrifical do altar, porque esse

Adoração diária do sol para a remoção do pecado

2.7. Em seguida vêm os três tipos de meditação do conquistador (sarvajit) Kauṣītaki. O todo-conquistador Kauṣītaki adora[21] o sol nascente, tendo colocado o cordão sacrifical[22], tendo trazido[23] água, e tendo aspergido três vezes a taça de água, dizendo: 'Tu és o libertador, livra-me do pecado'. Da mesma maneira ele adora o sol, quando no zênite, dizendo: 'Tu és o maior libertador, livra-me bem do pecado'. Da mesma maneira ele adora o sol quando se pondo, dizendo: 'Tu és o pleno libertador, livra-me totalmente do pecado'. Assim ele remove completamente qualquer pecado que ele tenha cometido de dia e à noite. E da mesma forma aquele que sabe isso igualmente adora o sol, e remove totalmente qualquer pecado que tenha cometido de dia e à noite.

Adoração regular da lua por prosperidade

2.8. Então (em segundo lugar) que ele adore cada mês (do ano), na época da lua nova, a lua como é vista no oeste da mesma maneira (como antes descrita em relação ao sol), ou que ele emita o seu discurso para a lua com duas folhas verdes de grama[24], dizendo: 'Oh tu que és mestra da alegria imortal, através desse meu coração gentil que reside na lua, que eu nunca chore por infelicidade a respeito de meus filhos'.

Os filhos dele (que assim adora a lua) de fato não morrem antes dele. Assim é com um homem para quem um filho já nasceu.

Agora para aquele a quem nenhum filho nasceu ainda. Ele profere os três versos Ṛc. 'Aumenta, ó Soma! que vigor chegue a ti'. (Ṛgveda 1.91.16; 9.31.4).

'Que leite, que alimento vá a ti' (Ṛgveda 1.91.18); 'Esse raio que os Ādityas alegram'[25].

Tendo murmurado esses três versos Ṛc, ele diz: 'Não aumentes pelo nosso ar vital (prāṇa), pela nossa prole, pelo nosso gado; aquele que nos odeia e a quem nós odiamos, aumenta pelo ar vital dele, por sua prole, por seu gado. Assim eu me volto para volta do deus, eu retorno para a volta do Āditya[26]'. Depois dessas palavras, tendo levantado o braço direito (em direção a Soma), ele o solta novamente[27].

---

fogo não pode ser aceso sem esses hinos. Assim, o eu do sacerdote Adhvaryu torna-se identificado, não apenas com o uktha, os hinos, mas também com o fogo sacrifical, e ele medita sobre si mesmo como fogo, como hino (uktha) e como fôlego (prāṇa).

[21] ['Costumava adorar'. – R. E. Hume].

[22] Essa é uma das primeiras, senão a primeira menção da *yajñopavīta*, o cordão sagrado usado sobre o ombro esquerdo para fins de sacrifício; veja o *Taittirīya Brāhmaṇa*, 3.10.19.12.

[23] [Ou, tendo bebido ou sorvido].

[24] ['Que ele lance duas folhas de grama em direção a ela'. – R. E. Hume].

[25] [Veja o *Atharvaveda* 7.81.6].

[26] Isso se refere aos movimentos do braço, seguindo a lua e o sol.

[27] ["'Então eu me viro com a volta de Indra*, eu me viro com a volta do sol'. Então ele se vira em direção ao braço direito". – Radhakrishnan]. [* 'Isto é, para o leste, que é a região especial de Indra'. – R. E. Hume].

É extremamente difícil traduzir os versos vêdicos que são citados nas Upaniṣads. Às vezes, eles são ligeiramente mudados de propósito (veja § 11), frequentemente desviados de seu sentido original pelos autores das próprias Upaniṣads, e novamente sujeitos às interpretações mais fantasiosas dos vários comentadores sobre as Upaniṣads. Em nosso parágrafo (§ 8) o texto seguido pelo comentador difere do texto impresso. Eu traduzi conforme o comentador, pelo menos até certo ponto, pois, como observa o professor Cowell, há uma subcorrente na explicação do comentador, que implica uma comparação entre o

2.9. Então (em terceiro lugar) que ele adore no dia da lua cheia a lua como é vista no leste da mesma maneira, dizendo: 'Tu és Soma, o rei, o sábio, o de cinco bocas [faces], o senhor das criaturas. O [Brahman] brâmane é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes os reis (kṣatriyas); torna-me um comedor de alimento por essa boca! O rei é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes as pessoas (vaiśyas); torna-me um comedor de alimento por essa boca! O falcão é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes as aves; torna-me um devorador de alimento por essa boca! O fogo é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes este mundo; torna-me um comedor de alimento por essa boca! Em ti há a quinta boca; com essa boca tu comes todos os seres; torna-me um comedor de alimento por essa boca! Não diminuas pela nossa vida, pela nossa prole, pelo nosso gado; aquele que nos odeia e a quem nós odiamos, diminui por sua vida, por sua prole, por seu gado. Assim eu me viro para a volta do deus, eu retorno para a volta do Āditya'. Depois dessas palavras, tendo levantado o braço direito, ele o solta novamente.

Uma prece com relação à esposa e filhos

2.10. Em seguida, (tendo dirigido essas preces a Soma) quando estiver com sua esposa, que ele afague o coração dela, dizendo: 'Ó formosa, que tens obtido alegria imortal pelo que entra em teu coração através de Prajāpati, que tu nunca caias em tristeza a respeito de teus filhos[28]. Seus filhos então não morrem antes dela.

A saudação afetuosa de um pai que retorna ao filho[29]

2.11. Em seguida, se um homem estava ausente e volta para casa, que ele cheire[30] (beije ou toque) a cabeça de seu filho, dizendo: 'Tu surgiste de cada membro [meu], tu nasceste do coração, tu, meu filho, és o meu eu de fato, vive tu cem colheitas'[31]. Ele profere o seu nome, dizendo: 'Sê tu uma rocha, sê um

---

marido como o sol ou o fogo e a esposa como a lua, que seria difícil de traduzir numa tradução inglesa. O mesmo ou um verso muito semelhante ocorre no § 10, enquanto outras modificações dele podem ser vistas em *Āśvalāyana Gṛhya-sūtras* 1.13.7, e em outros lugares. A tradução dos versos em sua totalidade, de três dos quais a Upaniṣad só dá os inícios, seria, de acordo com o comentador: '(Ó deusa da lua) que tens obtido alegria imortal através daquela que é uma bela (porção do sol) colocada na lua, e enchendo o teu coração (com prazer), que eu nunca chore por infortúnio a respeito de meus filhos'.

Ṛv. 1.91.16; 9.31.4. 'Ó deusa da lua, aumenta! Que o vigor de toda parte (de cada membro do fogo ou do sol) vá até ti! Ajuda-nos na obtenção de alimento'. Ṛv. 1.91.18. 'Ó deusa da lua, que as correntes do teu leite sirvam bem aos nossos filhos, essas correntes de leite que revigoram, e ajudam a conquistar o inimigo. Ó deusa-Soma, crescendo para a felicidade imortal (para o nascimento de um filho), coloca a glória mais alta (as correntes de teu leite) no céu'. 'Esse raio (suṣumṇā) que (como uma mulher) os Ādityas alegram, esse Soma que como imperecível os Ādityas imperecíveis bebem, que o guardião do mundo (Prajāpati), Bṛhaspati e o rei Varuṇa alegrem-nos por ele.

As traduções são feitas pelo comentador indiferente à gramática e ao sentido, ainda assim, elas possuem certa autoridade e devem ser levadas em conta por lançarem luz sobre o mais recente desenvolvimento do misticismo indiano.

[28] *Āśvalāyana Gṛhya-sūtras,* 1.13.7.

[29] ['Estas instruções são incorporadas nos *Gṛhya Sūtras: Āśvalāyana* 1.15.3,9; *Pāraskara* 1.16.18; *Khādira* 2.3.13, *Gobhila* 2.8.21,22; *Āpastamba* 6.15.12'. – R. E. Hume].

[30] ['Sobre o cheiro-beijo veja o artigo por Prof. Hopkins, *Journal of the American Oriental Society*, 28. 120-134'. – R. E. Hume].

[31] [Outonos, anos].

machado, sê ouro sólido[32]; tu, meu filho, és luz [tejas] de fato, vive tu cem colheitas'[33]. Ele pronuncia o seu nome. Em seguida, ele o abraça, dizendo: 'Como Prajāpati (o senhor das criaturas) abraçou suas criaturas para o bem-estar delas, assim eu te abraço,' (pronunciando seu nome). Então ele murmura em seu ouvido direito, dizendo: 'Ó tu, rápido Maghavan, dá a ele' (Ṛv. 3.36.10[34]). 'Ó Indra, concede os melhores desejos' (Ṛv. 2.21.6[35]), desse modo ele sussurra em seu ouvido esquerdo. Que ele então cheire (beije) três vezes sua cabeça, dizendo: 'Não cortes (a linha da nossa família), não sofras. Vive cem colheitas [anos] de vida; eu beijo a tua cabeça, ó filho, com o teu nome'. Ele, então, faz três vezes um som mugido sobre a cabeça dele, dizendo: 'Eu mujo sobre ti com o som do mugido das vacas'.

A manifestação do Brahman permanente em fenômenos evanescentes
(a) Poderes cósmicos revertíveis no vento

2.12. Em seguida vem o Daiva Parimara[36], a morte dos deuses em volta (a absorção das duas classes de deuses, mencionadas antes, em Prāṇa ou Brahman). Esse Brahman resplandece de fato quando o fogo queima, e morre quando ele não queima. Seu esplendor vai para o sol somente, a vida (prāṇa, o princípio movente) para o ar [vento, vāyu].

Esse Brahman resplandece de fato quando o sol é visto, e morre quando ele não é visto. Seu esplendor vai para a lua somente, a vida (prāṇa) para o ar.

Esse Brahman resplandece de fato quando a lua é vista, e morre quando ela não é vista. Seu esplendor vai para o raio somente, sua vida (prāṇa) para o ar.

Esse Brahman resplandece de fato quando o relâmpago lampeja, e morre quando ele não lampeja. Seu esplendor vai para o ar, e a vida (prāṇa) para o ar.

Assim, todas essas divindades (isto é, fogo, sol, lua, relâmpago), tendo entrado no ar, embora mortas, não desaparecem; e a partir do próprio ar elas surgem novamente. O mesmo em relação às divindades.

Agora então em relação ao corpo[37].

(b) Os poderes de um indivíduo reversíveis no ar vital

---

[32] Amplamente espalhado, desejado em todos os lugares. O comentário do professor Cowell propõe não-disperso, acumulado, ou não escondido.

[33] [‘Essa estrofe, com *ātmā* em vez de *tejas* na terceira linha, ocorre na recensão Mādhyaṃdina da *Bṛhad* em 6.4.26 (= *Śatapatha Brāhmaṇa* 14.9.4.26) e no *Pāraskara Gṛhya Sūtra* 1.16.18; com *vedas* em vez de *tejas* ela ocorre, junto com as duas citações seguintes do Ṛgveda, no *Āśvalāyana Gṛhya Sūtra* 1.15.3.

[34] [‘Ó Indra, Maghavan, movedor impetuoso, dá-nos a riqueza abundante que traz todas as bênçãos. Dá-nos cem outonos como o nosso tempo de vida; dá-nos, ó Indra de bela face, abundância de heróis’. – Griffith].

[35] [‘Indra, dá-nos o melhor dos tesouros, o espírito da habilidade e fortuna; aumento de riqueza, a segurança de nossos corpos, o atrativo da fala amável, e dias de clima agradável’. – Id.].

[36] Compare com *Taittirīya Up.* 3.10.4; Colebrooke, *Miscellaneous Essays* (1873), II, p. 39 e *Aitareya Brāhmaṇa*, 8.28, [onde há ‘uma passagem um tanto semelhante intitulada A Morte de Brahma em torno, onde também o vento é o último na regressão desses mesmos cinco fenômenos (embora em ordem inversa)’. – R. E. Hume].

[37] [´Com relação ao Eu’. – Warrier].

2.13. Esse Brahman brilha realmente quando alguém fala com a fala, e ele morre quando alguém não fala. Seu esplendor vai para a visão somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém vê com os olhos, e ele morre quando alguém não vê. Seu esplendor vai para a audição somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém ouve com os ouvidos, e ele morre quando não alguém ouve. Seu esplendor vai para a mente somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém pensa com a mente, e ele morre quando alguém não pensa. Seu esplendor vai para a respiração (prāṇa) somente, e a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Assim todas essas divindades (os sentidos, etc.), tendo entrado no ar vital ou vida (prāṇa) somente, embora mortas, não desaparecem; e a partir do próprio ar vital (prāṇa) elas surgem novamente. E se duas montanhas, a do sul e a do norte[38], avançassem tentando esmagar aquele que sabe isso, elas não o esmagariam. Mas aqueles que o odeiam e aqueles a quem ele odeia, eles morrem em torno dele.

A disputa dos poderes corporais pela supremacia; o objetivo final

2.14. Em seguida vem a Niḥśreyasādāna[39] (a aceitação da preeminência de prāṇa (respiração ou vida) pelos outros deuses). As divindades (fala, visão, audição, mente), em disputa entre si sobre quem era a melhor, saíram deste corpo, e o corpo ficou sem respirar, sem vida, como um tronco de madeira. Então a fala entrou nele, mas, falando pela fala, ele ficou imóvel. Então a visão entrou nele, mas falando pela fala, e vendo pela visão, ele ficou imóvel. Depois a audição entrou nele, mas falando pela fala, vendo pelos olhos, ouvindo pelo ouvido, ele ficou imóvel. Então a mente entrou nele, mas falando pela fala, vendo pelos olhos, ouvindo pelos ouvidos, pensando pela mente, ele ficou imóvel. Então a respiração (prāṇa, a vida) entrou nele, e daí ele se ergueu imediatamente. Todas essas divindades, tendo reconhecido a preeminência em prāṇa, e tendo compreendido prāṇa somente como o eu consciente[40] (prajṇātman)[41], saíram desse corpo com todos esses (cinco tipos diferentes de prāṇa), e repousando no ar (sabendo que o prāṇa tinha entrado no ar), e imersas no éter (ākāśa), elas foram para o céu. E da mesma forma aquele que sabe isso, tendo reconhecido a preeminência em prāṇa, e tendo compreendido prāṇa somente como o eu autoconsciente (prajṇātman), sai deste corpo com todos esses (já não acredita neste corpo), e repousando no ar, e fundido no éter[42], ele vai para o céu, ele vai para onde esses deuses (fala, etc.) estão. E, tendo chegado a isso aquele, que conhece isso, torna-se imortal com aquela imortalidade que esses deuses desfrutam.

---

[38] [‘As montanhas do Sul e do Norte são as Vindhyas e as Himālayas, respectivamente’. – Radhakrishnan].
[39] [‘A obtenção da mais alta excelência’. – Radhakrishnan. ‘A assunção de excelência superior’. - Warrier]. Para outras versões dessa história veja *Chāndogya Up*. 5.1, nota 2; *Aitareya Āraṇyaka*, 2.1.4.9; *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.1.1-14, e *Kauṣītaki Up.* 3.3.
[40] [‘A alma da inteligência’. – Radhakrishnan].
[41] Veja a *Chāndogya Up*. 7.15, nota.
[42] [‘Tendo a natureza do espaço’. – Warrier].

O legado de um pai moribundo de seus vários poderes a seu filho

2.15. Em seguida vem a tradição de pai para filho, e assim eles a explicam[43]. O pai, quando vai partir, chama o filho, depois de ter coberto a casa com grama fresca e tendo colocado o fogo sacrifical, e tendo posto perto dele um vaso de água com um jarro (cheio de arroz), ele próprio coberto com um traje novo, e vestido de branco. Ele se coloca acima de seu filho[44], tocando os órgãos dele com os seus próprios órgãos, ou ele pode entregar a tradição para ele enquanto se senta diante dele. Então ele a entrega para ele. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha fala em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua fala em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu olfato (prāṇa) em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu olfato em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha visão em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua visão em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha audição em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua audição em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar os meus gostos de alimento em ti'. O filho diz: 'Eu recebo os teus gostos de alimento em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar minhas ações em ti!' O filho diz: 'Eu recebo as tuas ações em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu prazer e dor em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua dor e prazer em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar felicidade, alegria e descendentes em ti.' O filho diz: 'Eu recebo a tua felicidade, alegria e descendentes em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu modo de andar [movimento] em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu modo de andar em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha mente em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua mente em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu conhecimento (prajñā) em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu conhecimento em mim'. Mas se o pai estiver muito doente ele pode dizer concisamente: 'Deixa-me colocar meus espíritos [ares ou forças vitais] (prāṇa) em ti', e o filho: 'Eu recebo os teus espíritos em mim'.

Então o filho anda em volta do pai mantendo seu lado direito em direção a ele, e vai embora. O pai grita atrás dele: 'Que fama, glória de semblante, e honra sempre te sigam'. Então o outro olha para trás sobre o ombro esquerdo, cobrindo [o rosto[45]] com a mão ou a borda de seu manto, dizendo: 'Que tu obtenhas os mundos divinos (svarga) e todos os desejos'[46].

Se o pai se recuperar, que ele fique sob a autoridade do filho, ou que ele vagueie por toda parte (como um asceta). Mas se ele perecer, então que eles o despachem, como ele deve ser despachado, de fato, como ele deve ser despachado[47].

---

[43] *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 1.5.17-30.
[44] [Segundo Warrier e Radhakrishnan, o pai permanece deitado e o filho se coloca sobre ele].
[45] ['Os olhos', segundo Deussen].
[46] ['Todos os mundos e alegrias celestes'. – Id.].
[47] Eu tomei *samāpayati* no sentido de realizar os últimos deveres em relação a um morto, embora eu confesse que não conheço nenhuma passagem paralela na qual *samāpayati* ocorra nesse sentido. O professor Cowell traduz: 'Se ele morrer, então que ele faça o filho receber devidamente a tradição, como a tradição deve ser dada'.

['Se, por outro lado, ele morrer, as forças vitais tomam posse do filho, como é apropriado – como é apropriado'. – Deussen].

Terceiro Adhyāya[1]
A doutrina do prāṇa (o ar vital)

O conhecimento de Indra, a maior benção possível para os homens

3.1. Pratardana, em verdade, o filho de Divodāsa (rei de Kāśī), chegou por meio de combates e força[2] à residência amada de Indra. Indra disse a ele, 'Pratardana, deixe-me dar-lhe uma benção para escolher'. E Pratardana respondeu: 'Que você mesmo escolha para mim a benção que você considere mais benéfica para um homem'. Indra disse-lhe: 'Ninguém que escolhe, escolhe por outro[3]; escolha você mesmo', Então Pratardana respondeu: 'Então essa bênção a escolher não é benção para mim'.

Então, no entanto, Indra não se desviou da verdade, pois Indra é a verdade. Indra disse a ele: 'Conheça a mim apenas[4]; isto é o que eu considero mais benéfico para o homem: que ele deva me conhecer. Eu matei o filho de três cabeças de Tvaṣṭṛ; eu entreguei os Arunmukhas[5], os devotos, aos lobos (sālāvṛka); quebrando muitos tratados, eu matei o povo de Prahlāda no céu, o povo de Puloma no firmamento, o povo de Kālakañga na terra[6]. E nem um fio de cabelo meu foi danificado lá. E quem me conhece assim, por nenhuma ação dele a sua vida é prejudicada, nem pelo assassinato de sua mãe, nem pelo assassinato de seu pai, nem por roubo, nem pela morte de um brâmane[7]. Se ele comete um pecado o vigor[8] não deixa o seu rosto'.

A identidade de Indra com a vida e a imortalidade

3.2. Indra disse: 'Eu sou prāṇa, medita em mim como o eu consciente (prajñātman), como vida, como imortalidade. Vida é prāṇa, prāṇa é vida. Imortalidade é prāṇa, prāṇa é imortalidade. Enquanto prāṇa habita neste corpo certamente há vida. Por prāṇa ele obtém a imortalidade no outro mundo, pelo

---

[1] O objetivo agora é explicar a verdadeira Brahma-vidyā, enquanto que o primeiro e o segundo capítulos são apenas introdutórios, tratando do culto do sofá-cama (paryaṅkopāsanā) e do culto de prāṇa.
[2] [A morte em batalha garante para o guerreiro um lugar no céu].
[3] ['Um superior, realmente, não escolhe por um inferior'. – Radhakrishnan].
[4] ['Aqui Indra fala em nome do Ser Supremo. Vāmadeva faz isso segundo o *Ṛgveda* 4.26.1, o ser individual é realmente uno com o Ser Universal embora pessoas não esclarecidas não estejam cientes dessa unidade. Aqueles que conhecem e sentem isso às vezes falam em nome do Espírito Universal'. – Radhakrishnan].
[5] ['Isto é, aqueles cujas bocas são feridas ou desfiguradas; a palavra *Arunmukhān*, no entanto, é uma corrupção de *Arunmaghān*, que significa 'os avaros', veja o *Aitareya Brāhmaṇa*, 7.28'. - Deussen].
[6] Isso se refere a atos heroicos realizados por Indra, como representados nos hinos do *Ṛgveda*. Veja *Ṛgveda* 5.34.4 [e a nota 5 da tradução em português], e o comentário de Sāyaṇa; *Aitareya Brāhmaṇa* 7.28. [*Ṛgveda* 10.8.8,9, 10.99.6, *Śatapatha Brāhmaṇa* 1.2.3.2, 12.7.1.1; *Taittirīya Saṃhitā* 2.5.1.1 e seg.]. Weber, *Indische Studien* I. 410-418, tentou descobrir um significado físico original nos atos heroicos atribuídos a Indra. Uma observação curiosa é feita pelo comentador, que diz que os crânios dos Arunmukhas foram transformados em espinhos do deserto (karīra) o que permanece até hoje – um aspecto muito comum na tradição popular.
[7] [Warrier e Radhakrishnan substituem esse último por 'nem por matar um embrião'].
[8] ['A cor escura', segundo outros tradutores; 'ele não fica pálido', explica Radhakrishnan. 'Nenhum medo o deixa pálido'. - Deussen].
O professor Cowell compara com a *Taittirīya Saṃhitā* 3.1.1, *nāsya nītaṃ na haro vyeti*.
['Quando obtemos sabedoria suprema e ficamos livres da ilusão do egoísmo os nossos atos bons e maus não nos tocam. Nós morremos para a possibilidade de fazer alguma coisa má'. – Radhakrishnan].
['Aquele que obteve o conhecimento do Ātman e sua unidade com ele está livre através dele [do conhecimento] da ilusão da existência individual, seus atos bons e maus reduzem-se a zero, eles não são mais suas obras, porque ele não é mais um indivíduo'. – Deussen].

conhecimento a concepção verdadeira. Aquele que medita em mim como a vida e a imortalidade ganha a sua vida plena neste mundo, e obtém no mundo Svarga imortalidade e indestrutibilidade'.

A unidade das funções de um indivíduo ou prāṇas especiais

(Pratardana disse): 'Alguns afirmam aqui que os prāṇas se tornam um, pois (de outro modo) ninguém poderia ao mesmo tempo dar a conhecer um nome pela fala, ver uma forma com a visão, ouvir um som com a audição, pensar um pensamento com a mente. Depois de terem se tornado um, os prāṇas percebem todos esses juntos, um por um. Enquanto a fala se expressa, todos os prāṇas falam junto com[9] ela. Enquanto a visão vê, todos os prāṇas veem junto com ela. Enquanto a audição ouve, todos os prāṇas ouvem junto com ela. Enquanto a mente pensa, todos os prāṇas pensam junto com ela. Enquanto o prāṇa respira, todos os prāṇas respiram junto com ele'.

'Assim, é de fato', disse Indra, 'mas, no entanto, há uma proeminência entre os prāṇas.

O realmente vitalizante e unificante ar vital, o espírito vivo ou o eu consciente

3.3. O homem vive privado de fala, pois vemos pessoas mudas. O homem vive privado de visão, pois vemos pessoas cegas. O homem vive privado de audição, pois vemos pessoas surdas. O homem vive privado de mente, pois vemos os infantis. O homem vive privado de seus braços, privados de suas pernas, pois assim nós vemos. Mas só prāṇa é o eu consciente (prajñātman), e tendo obtido este corpo ele o faz se erguer. Por isso se diz: Que se cultue somente a ele como uktha[10]. [Essa é a Obtenção de Tudo (sarvāpti)[11] no espírito vivo (prāṇa)[12]]. O que é prāṇa, isso é prajñā (autoconsciência, inteligência); o que é prajñā (autoconsciência), isso é prāṇa, pois juntos eles (prajñā e prāṇa) vivem neste corpo, e juntos eles saem dele. Disso, esta é a evidência, este é o entendimento. Quando um homem, estando adormecido, não vê nenhum sonho, ele se torna um só com esse prāṇa[13]. Então a fala vai para ele (quando ele está absorvido em prāṇa) com todos os nomes, a visão com todas as formas, a audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele acorda, então, como de um fogo ardente faíscas vão em todas as direções, assim desse ser os prāṇas (fala, etc.) vão cada um para o seu lugar; dos prāṇas os deuses (Agni, etc.), dos deuses os mundos.

Disso, essa é a prova, essa é a compreensão. Quando um homem está doente, prestes a morrer, caindo em fraqueza e desmaio, eles dizem: 'Seu pensamento partiu, ele não ouve, ele não vê, ele não fala, ele não pensa'. Em seguida, ele se torna um só com esse prāṇa. Então a fala vai até ele (que está absorvido em prāṇa) com todos os nomes, a visão com todas as formas, a

---

[9] ['Depois dela' conforme o texto, que eu substituí por 'junto com ela' da tradução de Warrier].
[10] Uktha, hino [a recitação de louvor], é artificialmente derivado de *ut-thāpayati*, levantar, e, portanto, uktha, hino, deve ser meditado como prāṇa, ar vital, que também levanta o corpo. Veja *Aitareya Āraṇyaka* 2.1.15. ['A mesma identificação ocorre também na *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 5.13.1'. – R. E. Hume].
[11] ["Isto é, 'É no espírito (individual) consciente que todos os fatos são obtidos'". – R. E. Hume].
[12] [Essa frase está ausente na recensão publicada na Bibliotheca Indica Series].
[13] Ele é absorvido em prāṇa. Ou deveria ser *prāṇaḥ* como nominativo?

audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele parte deste corpo, ele parte junto com todos eles[14].

Ar vital, o que obtém tudo

3.4. A fala entrega para ele (que é absorvido em prāṇa) todos os nomes, de modo que pela fala ele obtém todos os nomes. O olfato entrega a ele todos os odores, de modo que pelo olfato ele obtém todos os odores. A visão entrega a ele todas as formas, de modo que pela visão ele obtém todas as formas. A audição entrega a ele todos os sons, de modo que pela audição ele obtém todos os sons. A mente entrega a ele todos os pensamentos, de modo que pela mente ele obtém todos os pensamentos. Essa é a absorção completa em prāṇa. E o que é prāṇa é prajñā (autoconsciência, inteligência), o que é prajñā (autoconsciência) é prāṇa. Pois juntos esses dois vivem no corpo, e juntos eles partem.

Agora vamos explicar como todas as coisas tornam-se uma nessa prajñā (autoconsciência).

A correlação das funções do indivíduo com os fatos da existência

3.5. A fala é uma porção tirada[15] de prajñā (conhecimento autoconsciente), a palavra é seu objeto, colocado fora[16]. O nariz é uma parte tirada dela, o odor é seu objeto, colocado fora. O olho é uma parte tirada dela, a forma é seu objeto, colocado fora. O ouvido é uma porção tirada dela, o som é seu objeto, colocado fora. A língua é uma parte tirada dela, o sabor dos alimentos é o seu objeto, colocado fora. As duas mãos são uma parte tirada dela, a ação é seu objeto, colocado fora. O corpo é uma porção tirada dela, seu prazer e dor são seu objeto, colocados fora. O órgão gerador é uma parte tirada dela, felicidade, alegria e descendentes são seus objetos, colocados fora. Os dois pés são uma parte tirada dela, os movimentos são seus objetos, colocados fora. A mente é uma porção tirada dela, pensamentos e desejos são seus objetos, colocados fora.

A supremacia da consciência em todas as funções e fatos da existência

3.6. Tendo por prajñā (conhecimento autoconsciente) tomado posse[17] da fala, ele obtém pela fala todas as palavras. Tendo por prajñā tomado posse do nariz, ele obtém todos os odores. Tendo por prajñā tomado posse do olho, ele obtém todas as formas. Tendo por prajñā tomado posse do ouvido, ele obtém todos os sons. Tendo por prajñā tomado posse da língua, ele obtém todos os sabores dos

---

[14] De acordo com outra leitura, poderíamos traduzir: 'A fala tira todos os nomes daquele corpo, e o prāṇa, no qual a fala é absorvida, assim obtém todos os nomes'.

['O principal objetivo dessa consideração sobre sono profundo e desfalecimento é demonstrar a identidade de prāṇa (do ar vital) e de prajñā (consciência ou inteligência). No desmaio e no sono profundo o prāṇa continua, enquanto que a prajñā parece estar extinta. Na verdade, no entanto, ela não está extinta, mas se une com prāṇa, a partir do qual ela surge novamente durante o estado de vigília'. – Deussen].

[15] O professor Cowell traduz, 'A fala realmente ordenhou uma porção dela', o que pode ter sido o sentido original do escritor.

[16] ['Seu elemento objeto externamente correlacionado'. – Warrier e Radhakrishnan. 'Fala, etc. são partes da inteligência, *prajñāyā vibhāgam*, com objetos correspondentes a eles no mundo externo. Os objetos são descritos como os elementos existenciais externos'. – Radhakrishnan].

[17] ['Tendo obtido controle, literalmente, tendo montado em'. – Radhakrishnan. Então: 'Com a fala montada pela inteligência ele obtém ...'. – Warrier].

alimentos. Tendo por prajñā tomado posse das duas mãos, ele obtém todas as ações. Tendo por prajñā tomado posse do corpo, ele obtém prazer e dor. Tendo por prajñā tomado posse do órgão gerador, ele obtém felicidade, alegria e prole. Tendo por prajñā tomado posse dos dois pés, ele obtém todos os movimentos. Tendo por prajñā tomado posse da mente, ele obtém todos os pensamentos.

A indispensabilidade da consciência para todos os fatos e experiências

3.7. Pois sem prajñā (autoconsciência) a fala não dá a conhecer (ao eu) nenhuma palavra[18]. 'Minha mente estava ausente', ela diz, 'eu não percebi aquela palavra'. Sem prajñā o nariz não dá a conhecer nenhum odor. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquele odor'. Sem prajñā o olho não dá a conhecer nenhuma forma. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquela forma'. Sem prajñā o ouvido não dar a conhecer nenhum som. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquele som'. Sem prajñā a língua não dá a conhecer nenhum sabor. 'Minha mente estava ausente, ela diz, 'Eu não percebi aquele sabor'. Sem prajñā as duas mãos não dão a conhecer nenhum ato. 'Nossa mente estava ausente', elas dizem, 'nós não percebemos nenhum ato'. Sem prajñā o corpo não dá a conhecer prazer ou dor. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'eu não percebi esse prazer ou dor'. Sem prajñā o órgão gerador não dá a conhecer a felicidade, a alegria, ou os filhos. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'eu não percebi essa felicidade, a alegria, ou os filhos'. Sem prajñā, os dois pés não dão a conhecer nenhum movimento. 'Nossa mente estava ausente', eles dizem, 'nós não percebemos esse movimento'. Sem prajñā nenhum pensamento sucede, nada do que é para ser conhecido pode ser conhecido.

O sujeito de todo conhecimento, objeto primordial do conhecimento

3.8.[19] Que ninguém tente descobrir o que fala é[20], que ele conheça aquele que fala[21]. Que ninguém tente descobrir o que o odor é, que ele conheça aquele que cheira. Que ninguém tente descobrir o que a forma é, que ele conheça aquele que vê. Que ninguém tente descobrir o que som é, que ele conheça o ouvinte. Que ninguém tente descobrir os sabores da comida, que ele conheça o conhecedor de gostos. Que ninguém tente descobrir o que é ação, que ele conheça o agente. Que ninguém tente descobrir o que o prazer e a dor são, que ele conheça o conhecedor do prazer e da dor. Que ninguém tente descobrir o que felicidade, alegria e descendentes são, que ele conheça o conhecedor de felicidade, alegria e prole. Que ninguém tente descobrir o que o movimento é,

---

[18] O professor Cowell traduziu uma passagem do comentário que é interessante por mostrar que seu autor e o autor da Upaniṣad também tinham uma concepção clara da natureza correlativa do conhecimento. 'O órgão do sentido', diz ele, 'não pode existir sem prajñā (autoconsciência), nem os objetos do sentido ser obtidos sem o órgão, portanto - no princípio, que quando uma coisa não pode existir sem outra, é dito que essa coisa é idêntica à outra - como o tecido, por exemplo, nunca sendo percebido sem os fios, é idêntico a eles, ou a (falsa percepção de) prata nunca sendo encontrada sem a madrepérola é idêntica a ela, assim os objetos do sentido que nunca são encontrados sem os órgãos são idênticos a eles, e os órgãos nunca sendo encontrados sem prajñā (autoconsciência) são idênticos a ela.

[19] [Aqui Warrier acrescenta: 'É preciso ganhar o puro conhecimento da unidade de Brahman e Ātman'].

[20] ['A fala não é o que se deve buscar conhecer'. – Warrier].

[21] ['Em resumo: não se deve se esforçar pelo conhecimento empírico da pluralidade ou multiplicidade, mas deve-se esforçar pelo conhecimento metafísico da unidade'. – Deussen].

que ele conheça o que move. Que ninguém tente descobrir o que a mente é, que ele conheça o pensador.

A absoluta correlatividade de conhecer e ser

Esses dez objetos (o que é falado, cheirado, visto, etc.) têm referência a prajñā (autoconsciência), os dez sujeitos (fala, os sentidos, a mente) têm referência aos objetos. Se não houvesse objetos, não haveria sujeitos, e se não houvesse sujeitos, não haveria objetos. Pois de um ou outro lado sozinho nada poderia ser realizado.

A unidade no ser consciente

Mas esse (o eu de prajñā, consciência e prāṇa, a vida) não é muitos, (mas um). Pois como em um carro a circunferência de uma roda é colocada nos raios, e os raios no cubo, assim estão esses objetos (circunferência) colocados sobre os sujeitos (raios), e os sujeitos no prāṇa. E esse prāṇa (ar vital, o poder vivo e que respira) de fato é a alma de prajñā, (o ser autoconsciente), abençoado, imperecível, imortal.

A irresponsabilidade ética de uma pessoa, o seu próprio eu sendo idêntico ao mundo todo

Ele não aumenta por uma boa ação, nem diminui por uma má ação. Pois ele (o eu ou alma de prāṇa e prajñā) faz com que aquele, a quem ele deseja levar para cima a partir desses mundos, faça uma boa ação; e o mesmo faz com que aquele, a quem ele deseja levar para baixo a partir desses mundos, faça uma má ação[22]. E ele é o guardião do mundo, ele é o rei do mundo, ele é o senhor do universo - e ele é o meu eu [ātman][23], que isso seja conhecido, sim, que isso seja conhecido!

---

[22] O outro texto diz, 'a quem ele deseja puxar atrás dele; e a quem ele deseja afastar desses mundos'. Rāmatīrtha, em seu comentário sobre a *Maitrāyaṇi Up.* 3.2, cita o texto como traduzido acima.

[23] [‘De Indra’, acrescenta o tradutor. “Ele é eu mesmo – isso deve-se saber. 'Ele é meu Eu' – Isso deve-se saber”. – Warrier].

Quarto Adhyāya[1]

Uma definição progressiva de Brahman

A oferta de instrução de Bālāki sobre Brahman

4.1. Havia antigamente Gārgya Bālāki[2], famoso como um homem de grande erudição[3]; pois dizia-se sobre ele que ele viveu entre os Uśīnaras, entre os Satvat-Matsyas, os Kuru-Pañcālas, os Kāśī-Videhas.

Tendo ido até Ajātaśatru, (o rei) de Kāśī[4], ele disse-lhe: 'Eu devo declarar-lhe Brahman?' Ajātaśatru disse a ele: "Nós damos mil (vacas) por esse (seu) discurso, pois em verdade todas as pessoas correrão em volta, dizendo[5]: 'Janaka (o rei de Mithilā) é nosso pai (patrono)'".

Palavras-chave da conversa subsequente

4.2.[6] No sol o Grande [3], na lua o Alimento [4], no relâmpago a Verdade [ou Luz] [5], no trovão o Som [6], no vento Indra Vaikuṇṭha [7], no espaço a Plenitude [8], no fogo o Vencedor [9], na água o Brilho (tejas) [ou Nome] [10] - assim com relação às divindades (adhi-daivata). Agora, com relação ao eu (adhy-ātma): no espelho o Reflexo [11], na sombra o Duplo [12], no eco a Vida (asu) [13], no som a Morte [14], no sono Yama (o Senhor da Morte) [15], no corpo Prajāpati (o Senhor da Criação) [16], no olho direito a Fala [17], no olho esquerdo a Verdade [18].

A determinação progressiva de Bālāki e Ajātaśatru de Brahma
(a) Em vários fenômenos cósmicos

4.3. Bālāki disse: 'A pessoa[7] que está no sol, nele eu medito (como Brahman)'[8].

Ajātaśatru lhe disse: 'Não, não! Não me desafie (para um debate) sobre isso[9]. Eu medito naquele que é considerado grande, vestido em traje branco[10], o supremo, o principal de todos os seres'.

---

[1] Prāṇa, ar vital ou vida, foi explicado no capítulo anterior. Mas esse prāṇa ainda não é o ponto mais alto a ser alcançado. Prāṇa, a vida, mesmo que unida à prajñā, consciência, é apenas uma cobertura de outra coisa, ou seja, o Eu, e este Eu Superior agora tem que ser explicado.

[2] A mesma história é contada na *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 2.1 e seg., mas com variações importantes.

[A ordem de alguns parágrafos (7 e 8, 15 e 16) está invertida na versão (na Ānandāśrama Sanskrit Series) traduzida por Müller, e nesse caso eu segui a ordem da versão publicada na Bibliotheca Indica Series para concordar com a ordem dos assuntos como dada no parágrafo 2].

[3] [Ou 'versado nas escrituras', 'estudioso vêdico'].

[4] [A atual Benares, Varanasi].

[5] ["'Um Janaka, um Janaka!' (um rei de Videha que se tornou notório por causa de sua generosidade'". – Deussen].

[6] O segundo parágrafo constitui uma espécie de índice para a discussão a seguir.

[A tradução desse parágrafo é a de Warrier].

[7] ['O Espírito', segundo Deussen].

[8] ['A ele de fato eu reverencio'. – R. E. Hume].

[9] ['Dessa maneira você não vai promover mais conversa comigo' ou 'Você não vai obter o meu consentimento'. – Deussen. 'Não me faça conversar sobre ele'. – Radhakrishnan].

O rei quer dizer que já sabe isso, e que pode mencionar não apenas os predicados da pessoa no sol assim meditada como Brahman, mas também as recompensas dessa meditação.

[10] Este é propriamente um predicado da lua, e usado como tal na *Bṛhad-āraṇyaka Upaniṣad*, no segundo parágrafo do diálogo.

Quem medita sobre ele dessa maneira se torna supremo, e o principal de todos os seres[11].

4.4. Bālāki disse: 'A pessoa que está na lua, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como Soma, o rei, a alma[12] (ātman) de todo alimento'.

Quem medita nele assim torna-se a alma de todo alimento.

4.5. Bālāki disse: 'A pessoa que está no relâmpago, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma da luz'[13].

Quem medita nele assim torna-se a alma da luz.

4.6. Bālāki disse: 'A pessoa que está no trovão, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma do som[14].

Quem medita nele assim torna-se a alma do som.

4.7. Bālāki disse: 'A pessoa que está no ar [vento], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como Indra Vaikuṇṭha, como o exército invencível'.

Quem medita nele assim torna-se vitorioso, invencível, um vencedor de inimigos.

4.8. Bālāki disse: 'A pessoa que está no éter [espaço], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o pleno Brahman, não ativo'.

Quem medita nele assim fica cheio de prole e gado[15]. Nem ele próprio nem sua prole morrem antes do tempo.

4.9. Bālāki disse: 'A pessoa que está no fogo, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como poderoso (Vencedor) '.

Quem medita nele assim torna-se poderoso entre outros.

4.10. Bālāki disse: 'A pessoa que está na água, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma do nome [ou da luz] '[16].

Quem medita nele assim torna-se a alma do nome. Até agora, no que diz respeito às divindades; agora no que diz respeito ao corpo.

(b) No ser

4.11. Bālāki disse: 'A pessoa que está no espelho, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a semelhança (imagem)[17] [refletida]'.

Quem medita nele assim, para ele um filho nasce em sua família que é a sua semelhança, não alguém que não é a sua semelhança.

---

[11] [‘Sob quaisquer qualidades que nós meditemos sobre o Supremo nós mesmos nos tornamos possuidores daquelas qualidades’. – Radhakrishnan].

[‘As palavras pertencem, como a colocação de *iti* indica, não ao rei, como Cowell e Max Müller aceitam ou interpretam, mas ao narrador’. – Deussen].

[12] [A essência, fonte].

[13] [Ou da verdade].

[14] Esse não é mencionado na *Bṛhad-āraṇyaka.*

[15] [A outra recensão, em lugar da última frase, prossegue assim ‘esplendor, o brilho do conhecimento de Brahman e o mundo celeste; ele atinge o prazo completo de vida’].

[16] [‘Do brilho do nome’. – Warrier].

[17] [‘Contraparte’. – R. E. Hume].

4.12. Bālāki disse: 'A pessoa que está na sombra, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o segundo, que nunca vai embora'[18].

Quem medita nele assim obtém um segundo de sua segunda (sua esposa), ele se torna duplo[19].

4.13. Bālāki disse: 'A pessoa que está no eco, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a vida'[20].

Quem medita nele assim, nem ele próprio nem sua prole enfraquecerão[21] antes do tempo.

4.14. Bālāki disse: 'O som que segue um homem, nesse eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a morte'.

Quem medita nele assim, nem ele próprio nem sua prole morrerão antes do tempo.

4.15. Bālāki disse: 'O Ser que é consciente (prajñā), e por quem aquele que dorme aqui caminha durante o sono[22], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como o Rei Yama'[23].

Quem medita nele assim, tudo é subjugado por suas excelências[24].

4.16. Bālāki disse: 'A pessoa que está encarnada[25], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o Senhor das criaturas [Prajāpati] '[26].

Quem medita nele assim é multiplicado em prole e gado[27].

4.17. Bālāki disse: 'A pessoa que está no olho direito, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma (ātman) do nome [ou da fala], a alma do fogo, a alma da luz'[28].

Quem medita nele assim, ele se torna a alma de todos esses.

4.18. Bālāki disse 'A pessoa que está no olho esquerdo, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como a alma da verdade, como a alma do relâmpago, como a alma do esplendor'.

Quem medita nele dessa maneira se torna a alma de todos esses.

O criador universal na caverna do coração

---

[18] [‘O Duplo inseparável’. – R. E. Hume].

[19] [Isto é, ‘possuidor de prole’. – Radhakrishnan]. Esse parágrafo não ocorre na *Bṛhad-āraṇyaka.*

[20] [‘A vida (consciente) consiste no fato de que as impressões das coisas encontram uma resposta em nós, como o som encontra resposta no eco’. – Deussen].

[21] [Ou ‘entrarão em inconsciência’].

[22] [‘A pessoa aqui que, adormecida, se move em sonho’. – R. E. Hume].

[23] [‘Assim como o sono profundo é entendido como estando com (permanecendo no estado de) Brahman, assim também aqui o sono com sonhos parece ter sido entendido na fase precedente de estar com Yama, o deus da morte. Em comparação com o sono profundo os fenômenos de vigília e sonho são chamados de formas de morte, ‘mṛtyo rūpāni’ (*Bṛhad-āraṇyaka,* 4.3.7)’. – Deussen].

[24] [‘Por sua supremacia’. – R. E. Hume].

[25] [‘O espírito que está no corpo’. – Deussen].

[26] [“Prajāpati, como o princípio da corporalidade. Compare com a *Vājasaneyi Saṃhitā* 31.19 (e *Atharva-veda,* 10.8.13). ‘Prajāpati opera no corpo da mãe. O não-nascido renasce repetidamente’”. – Deussen].

[27] [Nota 15].

[28] [‘O olho como o símbolo da luz física bem como espiritual é compreensível’. – Deussen].

4.19. Depois disso Bālāki ficou em silêncio. Ajātaśatru disse-lhe: '(Você) só (sabe) até aqui, ó Bālāki?'[29] 'Só até aqui,' respondeu Bālāki.

Então Ajātaśatru disse-lhe: 'Em vão você me desafiou, dizendo: "Eu devo declarar-lhe Brahman?" Ó Bālāki, aquele que é o criador dessas pessoas (que você mencionou), aquele de quem tudo isso é a obra, ele é o único a ser conhecido'.

Então Bālāki se aproximou, carregando combustível nas mãos, dizendo: 'Eu posso vir a você como um aluno?' Ajātaśatru disse-lhe: 'Eu considero impróprio que um kṣatriya inicie um brâmane. Venha, vou farei você saber claramente'. Então, tomando-o pela mão, ele saiu. E os dois juntos chegaram a um homem que estava dormindo. E Ajātaśatru o chamou, dizendo: 'Ó grande, vestido em traje branco, Soma, Rei'. Mas ele permaneceu deitado[30]. Então ele o empurrou com um bastão, e ele se levantou imediatamente. Então Ajātaśatru lhe disse: 'Bālāki, onde é que este homem aqui dormia? Onde ele estava? De onde ele voltou dessa maneira?' Bālāki não sabia.

E Ajātaśatru disse a ele: 'Onde esse homem aqui dormia, onde ele estava, de onde ele assim voltou, é isto: as artérias do coração chamadas Hita [‘salutarmente ativas, benéficas’, que] se estendem desde o coração da pessoa até o corpo circundante [o pericárdio]. Pequenas como um fio de cabelo dividido mil vezes, elas estão cheias de um fluido fino de várias cores, [marrom avermelhado,] branco, preto, amarelo, vermelho. Nessas o homem está quando dorme, ele não vê nenhum sonho.

A unidade final no ser criativo, penetrante, supremo, universal

4.20. Então ele se torna um só com o prāṇa. Em seguida, a fala vai até ele com todos os nomes, a visão com todas as formas, a audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele acorda, então, como de um fogo ardente, faíscas vão em todas as direções, desse modo daquele ser os prāṇas (fala, etc.) vão cada um para o seu lugar, dos prāṇas os deuses [os poderes dos sentidos], dos deuses os mundos.

E como uma navalha pode ser encaixada em um estojo de navalha, ou como fogo[31] em um receptáculo de fogo, assim mesmo esse eu consciente entra no eu do corpo (considera o corpo como ele próprio) até os próprios cabelos e unhas. E os outros eus (como a fala, etc.) seguem esse eu, como seu povo segue

---

[29] [‘Isso é tudo, Bālāki?’ – Deussen].

[30] [‘O sono profundo é próximo a Brahman. Agora, se Brahman fosse um dos espíritos citados por Bālāki, o homem adormecido teria acordado, quando ele foi chamado por esses nomes’. – Deussen].

[31] [‘Essa é a interpretação tradicional. Se isso é correto, a passagem apresenta a ocorrência mais antiga de um símile favorito do Vedānta posterior; compare, por exemplo, Śaṅkara nos *Brahma-Sūtras* 3.2.6: 'como o fogo é latente na lenha ou em brasas cobertas’. Mas o significado de *viśvambhara* é incerto. Etimologicamente, a palavra é um composto significando ‘portador de tudo, sustentador de tudo’. Como tal, é uma denominação inequívoca da terra no *Atharva-Veda* 12.1.6. A única outra ocorrência de seu uso adjetival citada no Dicionário de Böhtlingk e Roth é no *Atharva-Veda* 2.16.5, onde o comentador substancia a sua interpretação ‘fogo’ citando a presente passagem. Em ambas as passagens Whitney rejeita o significado ‘fogo '(*Atharva-Veda,* Tr., 60-61), e em sua crítica da tradução de Böhtlingk desta Upaniṣad (*American Journal of Philology*, II. 432) sugere que ‘*viśvambhara* pode talvez aqui significar algum tipo de inseto, de acordo com seu uso posterior’, e ‘já que o ponto de comparação é a invisibilidade das coisas envoltas’ propõe a tradução ‘ou como um *viśvambhara* em um ninho de *viśvambhara’.* Mas o professor Lanman acrescenta à nota de Whitney sobre o *Atharva-Veda* 2.16.5 (Tr., página 60-61): ‘eu penso, no entanto, que o fogo pode ser aludido’. – R. E. Hume, nota na *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 1.4.7].

o dono da casa. E como o mestre se alimenta [ou desfruta][32] com seu povo, ou melhor, como seu povo se alimenta do mestre, assim esse eu consciente se alimenta com os outros eus, como um mestre com seu povo, e os outros eus o seguem, como o povo segue o mestre.

Realmente, enquanto Indra não compreendia esse Eu (Ātman), os Asuras o venciam. Quando ele entendeu, ele conquistou os Asuras e obteve a primazia entre todos os deuses, soberania, supremacia. E assim também aquele que conhece isso obtém preeminência entre todos os seres[33], soberania, supremacia – sim, aquele que sabe isso!

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[32] [Ou ‘desfruta’. ‘Desse eu esses outros eus dependem como de um chefe os seus próprios (homens). Assim como um chefe desfruta seus próprios (homens) ou como seus próprios (homens) são úteis a um chefe, exatamente assim esses outros eus estão a serviço desse eu da (inteligência)’. – Radhakrishnan].

[33] [‘Eliminando todos os males’, acrescenta Radhakrishnan].